

JORNALISMO E HISTÓRIA: DA NOTÍCIA E PRODUÇÃO DA FONTE À ANÁLISE DA REALIDADE

Ana Claudia Pacheco de Andrade
Professora da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)
E-mail: micaupacheco@gmail.com

Palavras-chave: História. Jornalismo. Fonte Histórica. História do Presente.

Estabelecer uma relação entre História e Jornalismo não é tarefa difícil, visto que ambas são produzidas por atos narrativos em que referências ao passado e ao presente precisam apresentar, com sensível clareza, uma história com começo, meio e fim. Também não é tarefa fácil, pois que deve corresponder à expressão da verdade, o que demonstra a complexidade de tal relação.

Considerando a necessidade de narrar algo para alguém, tanto a História como o Jornalismo têm a possibilidade de dialogar com o homem e a sociedade. Assim, o primeiro aspecto partilhado por historiadores e jornalistas é o tempo, no qual repousam as experiências humanas. Nesse sentido, diferentes estudos sinalizam para uma interseção de saberes, de acontecimentos registrados que permitem perceber a presença de várias temporalidades, no processo comunicativo, bem como as expectativas da sociedade de uma época. Para Luiz Gonzaga Motta (2004) a questão do tempo aliada à ação comunicativa, mostra-se no “entendimento da comunicação jornalística como uma forma contemporânea de domar o tempo de medir a relação entre mundo temporal e ético (ou intratemporal) pré-figurado e um mundo refigurado pelo ato da leitura” (MOTTA, 2004, p. 11). Tal afirmação nos permite inferir que o tempo articula-se à narrativa como modo de ordenar nossa experiência e, por esse motivo, torna-se significativo.

No momento de registrar eventos, que fazem parte da história de um povo, o jornalista está construindo o que é histórico, sendo ele parte integrante desse processo. Isto reforça a ideia de que ele participa da construção da realidade histórica, em razão de ultrapassar o simples trabalho de informar para atuar como um ente social. Chaparro (1994) afirma que o jornalismo atua como uma entidade de caráter social e cultural repleta de emoções e que essas emoções alimentam os processos de comunicação, a partir de informações, análises e opiniões que detêm o poder de mudar o destino de povos e nações.

Nesta dinâmica informativa, o jornalista de certa forma, “escreve” a história, ao registrar acontecimentos e produzir materiais que, posteriormente, poderão ser utilizados por historiadores como fonte documental. É nesta perspectiva que Jean-Pierre Rioux, tece observações sobre relevante utilização das redações, como sejam:

[...] domínio da abundância documental no trabalho das redações: através da informação das bases, dos bancos de dados e da própria fabricação do “papel” que se pode alimentar quase á vontade no “doc”, na pesquisa mais avançada e multiplicada junto aos correspondentes locais, da fabricação do dossiê em estilo news, da exibição da memória arquivada do jornal que dá consistência a seu propósito, pela fama também dos suplementos que ajudam a relativizar a atualidade tornou-se uma crônica durável, tomou uma textura e uma espessura que o aproximam (RIOUX, 1999, p. 123).

O ofício de jornalista oportuniza a transmissão de eventos históricos tanto no cenário mundial quanto nacional, como: a queda do Muro de Berlim, a Guerra do Golfo Pérsico, a Campanha pelas Diretas Já, o *Impeachment* do ex-presidente brasileiro Fernando Collor, entre outros. Pierre Nora (1978) salienta que o jornalista corresponde ao historiador natural da atualidade; na significação de que a narrativa jornalística está ancorada no momento presente, comungando com Motta (2004) quando diz que “o jornalista narra continuamente a história do presente imediato, uma história fugidia, inacabada, aberta, mas, uma história” (MOTTA, 2004, p. 23). Retomando Jean-Pierre Rioux (1999), o diálogo entre História e Jornalismo precisa ser encorajado, visto ser essencial que observadores possuam um ponto de encontro sobre o observado:

Eu não acho que uma “história do presente” teria podido afirmar-se nitidamente na França há alguns anos se antes não se tivesse produzido paralelamente um encontro, provocador, mas frutífero, entre historiadores sedentos de atualidade e jornalistas em busca de legitimidade histórica (RIOUX, 1999, p. 119).

Deduzimos, então, que o presente vivido foi materializado em atos comunicacionais a fim de melhor esclarecer as ações dos homens em determinado tempo. Cabe-nos agora questionar como o jornalismo cria uma relação com o tempo e como a história é posicionada dentro de uma narrativa midiática. O jornalismo sinaliza a sua importância social, através da história, constituindo-se testemunha ocular, o que por, algumas vezes pode provocar uma leve confusão. Ser a testemunha ocular significa dizer que a narrativa da História e do Jornalismo encontram-se imbrincadas de tal forma que produzem um efeito de simultaneidade entre o comunicado e o acontecimento. É interessante notar que o “testemunhar” algo confere ao

jornalista uma posição mais elevada que a de um simples narrador do passado/presente, como se o jornalismo ou jornalista conseguisse experimentar a totalidade da História. Mas o que é narrar algo? Como se tornar uma testemunha ocular? De que forma buscar um sentido histórico no nosso tempo presente? Ou ainda, há no jornalismo uma pretensão historiográfica? O Jornalismo contribui de que modo com a História? O que é histórico para o jornalismo? Como os jornais narram a história? Esses questionamentos sinalizam que, ao lermos um jornal, estamos procurando participar da História. É Muniz Sodré (2009) quem elucida tais questionamentos, nos seguintes termos:

[...] o ato de narrar constrói-se numa linha temporal que avança na direção do futuro, à maneira de uma flecha do tempo. A narrativa articula o tempo do mundo à experiência humana e à linguagem, como bem assinala Ricoeur, permitindo que o leitor ou o ouvinte vivencie imaginariamente os acontecimentos relatados. (...). A narração de uma notícia pode construir-se sequencialmente do início do acontecimento até sua resolução isto é, segundo a ordem temporal crescente dos acontecimentos (SODRÉ, 2009, p. 205).

Diante dessa compreensão, depreendemos que o jornalismo contribui para a construção de uma ideia de História que se estrutura em narrar acontecimentos, ou seja, aquilo que se pauta pela atualidade e fornece interpretações para o presente. Nisto reside a notícia e o processo complexo de compreendê-la, uma vez que, para produzi-la, vários fatores intervêm. Motta (2002) diz ser a notícia algo que varia entre aquilo que é real, o que é simbólico até o que é super-simbólico, sendo que a publicação cotidiana de notícias permite construir as imagens com as quais a sociedade é edificada. Importante lembrar que ao contar um acontecimento, narrar ou noticiar algo, o jornalismo doa ao cotidiano uma racionalidade, pois explica a História.

No entender de Giani David Silva (2007), há relevância nos acontecimentos noticiados pela mídia e essa relevância pode ser medida pelo alcance produzido pela notícia, através de vozes que dela ecoam. Salienta, porém, que é impossível apreender toda a dimensão do acontecimento, por ser algo que se encontra sempre no passado e que só pode ser descrito e tornado inteligível dentro de um processo de redução de sua complexidade. Vejamos:

[...] os participantes de uma manifestação como as *Diretas Já* em 1984, tiveram, no momento de sua ocorrência, uma visão difusa e fragmentada. De um lado, sabiam da relevância do movimento, de outro não sabiam a dimensão que tomariam o acontecimento. Essa dimensão simbólica e histórica dependeria, em primeira instância, dos meios de comunicação, aos quais caberiam a divulgação, o destaque e a valorização do fato. Hoje depois

de mais de vinte anos, podemos discernir melhor o significado desse momento na história de nosso país, uma vez que muito se falou e se comentou a respeito desde então. No entanto, na época, alguns meios de comunicação preferiram fazer de um acontecimento social; “*As diretas já*”, um *mini-acontecimento*, que seria logo esquecido. Por sorte, outras instâncias se incumbiram de inscrevê-lo nas páginas da história brasileira (SILVA, 2007, p. 2).

Diante da reflexão acima, cabe-nos indagar como um acontecimento dentro da narrativa jornalística pode servir de fonte para história. É impossível ter uma visão histórica, sem refletir sobre a temporalidade ou mesmo sobre as relações sociais, narrativas e interpretações dos fatos. O jornalismo evoca para si um tempo em que distintas visões de mundo estão articuladas ao todo social, as quais reinterpretem sinais encontrados pela História, a partir de um olhar que pode ser lançado ao passado. São as linhas desse passado que nos permitem interpretar os acontecimentos, analisar a realidade e buscar nas mensagens, por elas produzidas, novas expressões daquilo que queremos historiar. Encontramos, assim, diferentes maneiras de utilizar o Jornalismo como fonte para estudos históricos.

Sabendo que o jornalismo compreende uma atividade mimética, que representa a vida, expondo as ações desenvolvidas por distintos indivíduos, as condições de relatar dramas humanos faz desta atividade um registro de nossa existência, a qual se funda no tempo e na cultura, onde são impressos nossas angústias, sucessos, derrotas, lutas e conquistas. Tânia Regina de Luca (2006), afirma que, no Brasil, na década 1970, reconhecia-se a importância dos impressos, porém “relutava-se em mobilizá-los para a escrita da História da imprensa **por meio da imprensa**” (LUCA, 2006, p. 111), o que acusa uma resistência em compreender o jornal como fonte para a História.

Segundo a referida autora, vários motivos podem explicar essa situação, entre elas: a tradição que dominou o século XIX e início das décadas do século seguinte, as quais associavam, ao ideal da busca da verdade dos fatos, fontes cuja marca residia na objetividade, na neutralidade e na fidedignidade “distanciadas do seu próprio tempo”. Diante de tal procedimento, o jornalismo pareceu um instrumento pouco ou nada adequado para dizer do passado, visto que seus registros fragmentados do tempo presente forneciam uma imagem de acontecimentos considerados carregados de subjetividade, parcialidade e distorções.

Contudo, mesmo através da crítica a essa concepção empreendida pela denominada Escola dos Annales, já na década de 1930, o reconhecimento do Jornalismo, através da valorização dos periódicos como abertura de novas potencialidades para a investigação do real, não aconteceu de modo imediato. Pelo contrário, deu-se de modo bastante lento, pois foi

necessário “acompanhar uma renovação dos temas, as problemáticas, os procedimentos metodológicos” (LUCA, 2006, p. 122), o que resultou, mais tarde, em mudanças significativas capazes de provocar alterações na concepção de documento, bem como sua crítica, especialmente com a sistematização proposta pelo historiador Jacques Le Goff (1984).

É interessante notar, sobretudo que, se o Jornalismo inicialmente foi desacreditado como fonte, devido ao desprezo que profissionais conferiram à imprensa, posteriormente, através de estudos que, de modo pioneiro, basearam-se em análises dos múltiplos aspectos da vida social e política, ganha uma nova dimensão, no que diz respeito a seu uso como fonte de informação. Curiosamente torna-se, também ele, um objeto de pesquisa histórica, na qual incluiremos Helena Capelato (1980) que, desenvolveu um estudo que legitima a abordagem exemplificando:

Os estudos históricos no Brasil têm dado pouca importância à imprensa como objeto de investigação, utilizando-se dela apenas como fonte confirmadora de análises apoiadas em outros tipos de documentação. A presente pesquisa ensaia uma nova direção ao instituir o jornal *O Estado de São Paulo* como fonte única de investigação e análise crítica. A escolha de um jornal como objeto de estudo justifica-se por entender-se a imprensa fundamentalmente como instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social; nega-se, pois, aqui, aquelas perspectivas que a tomam como mero “veículo de informações”, transmissor imparcial e neutro dos acontecimentos, nível isolado da realidade político-social na qual se insere (CAPELATO, 1980, p. 19).

Deste modo, os periódicos começam a ser estudados pela participação que demonstram ter na vida política do país, o que reforça a riqueza desse corpo documental. Reconhecem, ainda, a imprensa como fonte privilegiada de conhecimento, da qual se derivam temas, tais como: história de movimentos operários; o mundo do trabalho; transformações urbanas; práticas de lazer e sociabilidade; experiências políticas cotidianas; questões sobre identidade, raça, gênero e infância; produções culturais; demandas sociais; entre uma variedade imensa de outros temas presentes nas folhas de jornais.

Entendemos, então, que revelar aspectos da realidade, não alcançados por outros modos de conhecer, faz do jornalismo uma questão vital para os indivíduos e para a sociedade. Neste sentido, o jornalismo não só comunica, como também produz e reproduz informações nas teias do mundo e, o mundo da informação jornalística que prescinde de um compromisso com a realidade dos fatos. Na perspectiva de Rioux (1999), a importância dos elementos presentes no jornalismo e utilizados na análise sobre o real podem compor novas narrações para o campo da História, conforme observações no trecho:

[...] a história tomou emprestado e interiorizou, mas do que se diz, algumas boas receitas da imprensa. Na escolha de seus temas, impelida pela atualidade e submetida à pressão das testemunhas e dos atores que desejam que sua experiência seja rememorada numa produção ou numa co-produção históricas. Em suas práticas de pesquisa de campo e no uso de gravadores. No estilo mais conciso de sua carreira e na cor, por vezes mais cambiante de seu relato. Em suma, em seu contacto permanente com a exigência dos vivos e a impetuosidade do atual (RIOUX, 1999, p. 125).

À medida que avançamos com exemplos que tomam o jornalismo como fonte privilegiada de informação, validamos a sua importância para a compreensão das representações sociais, seja por meio de revistas, publicidade, imagens fotográficas ou anúncios, atestados por pesquisas historiográficas de grande expressão nacional.

Retomamos Regina de Luca (2006), quando destaca a variedade da fonte Imprensa, bem como a sua amplitude de pesquisa, lembrando aqui que o jornalismo não deve ser considerado a fonte exclusiva de análise da realidade, mas uma fonte pertinente para fornecer uma interlocução entre o homem e seu tempo, na condição de inquiri-lo. Na visão de Regina de Luca (2006):

As considerações apontam, portanto, para um tipo de utilização da imprensa periódica que não se limita a extrair um ou outro texto de autores isolados, por mais representativos que sejam, mas antes prescreve *a análise circunstanciada do seu lugar de inserção e delineia uma abordagem que faz dos impressos, a um só tempo, fonte e objeto de pesquisa historiográfica, rigorosamente inseridos na crítica competente* (LUCA, 2006, p. 141). (Grifos da autora.)

Entre a narrativa jornalística e a narrativa da História há um discurso que se refere sempre ao presente, ao momento atual, àquilo que é provisório e é exatamente o que, confere uma singularidade à narrativa jornalística, que é uma narração contínua da história do presente imediato, consideração que direciona nosso pensamento para a compreensão de que o jornalismo e suas narrativas estão no bojo do nosso presente histórico.

Referências

CAPELATO, Maria Helena; PRADO Maria Ligia. *O bravo Matutino: imprensa e ideologia no jornal O Estado de São Paulo*. São Paulo: Alfa-Omega, 1980.

CHAPARRO, M. C. *Pragmática do jornalismo*. São Paulo: Summus, 1994.

LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. *História: novos problemas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

_____. Documento/Monumento. In: ROMANO, Ruggiero (Org.). *Enciclopédia Einaudi*. Porto: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984. v. 1.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: BASSANEZI, Carla Pinsky (Org.). *Fontes históricas*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2006.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Jornalismo e configuração narrativa da história do presente. *Revista eletrônica e-compós*, 1 ed. dez. 2004. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/8/9>>. Acesso em: 25 maio 2010.

_____. *O jornal: da forma ao sentido*. 2 ed. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 2002.

NORA, Pierre. Presente. In: LE GOFF, J.; CHARTIER, R.; REVEL, J. *La nueva historia*. Mensajero, Bilbao, [s.d].

REIS, José Carlos. *Escola dos Annales: a inovação em História*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. São Paulo: Papyrus, 1994. Tomo I.

RIOUX, Jean-Pierre. Entre história e jornalismo. In: CHAUVEAU, Agnes. *Questões para a história do presente*. Bauru: EDUSC, 1999.

SILVA, Giani David. A polifonia como estratégia argumentativa na construção da informação televisiva. In: CONGRESSO DE LETRAS: LINGUAGEM E CULTURA: MÚLTIPLOS OLHARES. 6., 2007, Caratinga. *Anais...* Caratinga: UNEC, 2007. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.unec.edu.br/ojs/index.php/unec03/article/viewFile/288/364>>. Acesso em: 27 jun. 2010.

SODRÉ, Muniz. *A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento*. Petrópolis: Vozes, 2009.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

TRAQUINA, Nelson. *A tribo jornalística - uma comunidade interpretativa transnacional*. Florianópolis: Insular, 2005.